

APRESENTAÇÃO

JANE CONNELL E A INVISIBILIDADE DA ESFINGE

Enéias Farias Tavares
Universidade Federal de Santa Maria

Há muito tempo, um jovem viandante chamado Pés Inchados, encontrou um homem velho e o matou, depois de uma luta breve e desrespeitosa. Ao avançar sua jornada, encontrou uma criatura monstruosa híbrida, parcialmente leonina, parcialmente voadora, parcialmente feminina. Depois de um breve diálogo, no qual o herói pensou ter-lhe decifrado o enigma, a besta suicidou-se, inconformada com a revelação (parcial) de seu segredo. Seguindo a estrada, o príncipe coríntio recebe a mão da viúva rainha tebana em casamento, produzindo nela uma descendência de quatro filhos. Anos mais tarde, descobre que o homem assassinado era seu pai e que a esposa deflorada era na verdade sua própria mãe. Nova esfinge revelada, a rainha se mata e o Pés Inchados perfura seus olhos como um dia seus pais perfuraram os calcanhares do pequeno rebento condenado à morte.

Neste mito, um dos mais famosos do Ocidente, a Esfinge constitui ela própria um enigma. Questionando no discurso e questionando em seu corpo estranho e múltiplo, diante dela, todos somos reencarnados Édipos, a reviver a mesma ilusão de termos lhe decifrado os segredos. No decorrer da história, a Esfinge não passou de um espelho a refletir a identidade, a cultura, a época e o lugar de seus intérpretes. Não sendo nunca ela, tornou-se pai assassinado, mãe deflorada ou meia-irmã amaldiçoada de um herói perpetrador de incestos, dos quais ela é também fruto: conta-nos Hesíodo que a Esfinge nasceu dos divinos e monstruosos Equidna e seu filho Ortro (*Teogonia*, versos 306-332).

Entretanto, tal esforço de encontrar no mito qualquer significado que não o da própria Esfinge resulta não apenas num revelar mas, sobretudo, num velar aquilo que a própria criatura poderia ser, fazer ou dizer. Sendo tudo, menos ela, a Esfinge foi condenada ao silêncio e é neste silêncio que ecoa não apenas equivocadas leituras pretensamente reveladoras como a própria cerne das diferenças de gênero que permeiam e pervertem o transcurso da nossa cultura. Ao silenciar a Esfinge, não estaria Édipo silenciando a única possibilidade que ele mesmo teria de conhecer-se? Por sua vez, ao torná-la invisível – transformando em pai, mãe e irmã – não estariam os intérpretes errando poderosamente o alvo, perdendo também a oportunidade de aprender de seus enigmas, de seus interditos, de seus segredos?

É nesse espaço de ação e reação, de ataque e fuga, de vitória e derrota, que se constitui a amarga e irônica – por que não trágica? – vitória de Édipo sobre a Esfinge que a leitura de Jane Connell se afirma como uma nova e fundamental interpretação do mito e da própria cultura. Ao fazer dialogar antropologia, mitologia, cultura e psicanálise, entremeadas por filosofia, religião e arte, a autora desvenda o que fora velado numa história de silenciamento, cegueira, apatia e denegação. Ao responder à pergunta da Esfinge com “O Homem”, não estariam os Édipos de todos os tempos afastando e coibindo a oportunidade rara e cara de um verdadeiro diálogo? Não é isso que a Esfinge propõe, esse ser FEMININO e FALANTE? E se usamos as palavras em caixa alta é porque Connell nos obriga agora a atentar para algo que se óbvio, não o foi a nenhum intérprete anterior.

Ao utilizar Freud, Hegel, Lévi-Strauss, Ovídio, Goux e Edmunds, entre tantos outros, Connel tece em seu texto uma série de idas e vindas históricas e metafísicas que desnudam o esforço tão masculino e ocidental de vestir, de velar, de esconder uma diferença que se não destruída, foi devidamente silenciada no decorrer de séculos.

Neste caso, trata-se de perceber no silêncio da Esfinge não apenas o silenciamento de metade da raça humana, mas a tragédia decorrente a esse herói – masculino, branco, ocidental etc. – que ao nunca deixar a casa do pai e o leito da mãe, recusa-se a crescer. Ao silenciar a Esfinge, ao ignorar sua voz, sua identidade, sua feminilidade e a resposta ambígua exigida de um enigma igualmente ambíguo, o herói cede, fracassa, deturpa-se, condena-se, ironicamente achando-se vitorioso e soberano.

O texto de Connell é um desses raros exemplares de análise que prima pela clareza, pela delicadeza, pela sutileza. Todavia, é ainda um texto que se utiliza desses artifícios para impactar seus leitores com uma tese que não poderia – nem deveria – ser ignorada. Depois dela, não somos mais Édipos vitoriosos, mas heróis juvenis, ainda tentando aprender com a voz, com o corpo, com os mistérios enigmáticos de um gênero que pouco a pouco ensina ao Ocidente tudo aquilo que fora ignorado por séculos.

Ecoando Edmunds, Connel se pergunta se a Esfinge ainda não estaria lá, às portas da cidade grega de Tebas, enigmática em discurso e em corpo, aguardando futuros Édipos. Talvez o decifrador demore ainda a chegar. Porém, depois da leitura de Connell, ele ao menos estará mais atento à voz e ao corpo de uma criatura que acima de tudo é feminina, muito mais do que monstruosa. Estaremos preparados para tal constatação? Ou preferiremos o andar vacilante de um herói chamado Pés Inchados, um herói acima de tudo condenado à própria cegueira? Apenas algumas das perguntas levantadas por Jane Connell em seu singular e impactante ensaio.